

Pesquisa em arte

Hugo Houayek¹

Resumo: Breves sentenças sobre o que poderia ser a pesquisa em arte.

Palavras-chave: Pesquisa, Arte, arte, arte contemporânea.

Research in art

Abstract: Brief sentences about what art research could be.

Keywords: Research, Art, art, contemporary art.

¹ Hugo Houayek é artista visual, pesquisador e professor. Doutor em Linguagens Visuais no programa de pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes na UFRJ. Desenvolve uma pesquisa artística sobre o campo pictórico, suas margens e limites. Entende a pintura como um corpo de mil olhos que não para de olhar incessantemente e assim possui o comportamento de uma linguagem com todas as suas imperfeições, impossibilidades e fracassos. Professor adjunto no curso de Artes Visuais na EBA-UFG. email: hugohouayek@gmail.com Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG. ORCID: 0000-0002-4975-8483 Lattes: 6049709500267791 Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Brasil.

Pesquisa em arte pode ser um gesto de apontar.

Apontar para o domínio da imagem sobre o texto e a desintegração espontânea da linearidade. Pesquisadorxs usam as pontas dos seus dedos e tateiam para condensar imagens. Executam gestos que apontam e procuram conferir significado ao insignificante e ao absurdo. Procuram dar significado à existência absurda em um mundo absurdo — tentativas de dar sentido a um universo sem sentido. Assim projetam significados sobre superfícies aparentes que encobrem nada. Projetam significado de dentro para fora — o significado parte da pesquisa para o mundo. E tais projeções devem constituir-se em projetos vitais para os observadores. Nós apontamos para provocar acidentes improváveis, duvidosos e inimagináveis.

Pesquisa em arte pode ser uma magia para ser invisível.

Existe um boato de que, em algumas instituições e corporações, é proibido qualquer tipo de atividade artística por se acreditar que tais exercícios possuem efeitos subversivos nas pessoas e que os levariam a desenvolver poderes mágicos ilegais. Para corroborar com tal boato existe uma antiga lenda que afirma ter havido um tempo em que a humanidade possuía uma palavra mágica que, ao pronunciar-se, adquiria o poder de realizar fenômenos maravilhosos, tais como fazer-se invisível, obter um tapete mágico, dar saúde, multiplicar suas forças, conhecer o oculto e o manifestado, e obter tudo que o coração desejasse. Porém, com o tempo, a humanidade esqueceu a maneira de pronunciar essa palavra, tornando-se uma palavra perdida.

A pesquisa em arte é a procurar por essa palavra perdida, é a busca por uma magia que nos torne invisíveis. Uma das múltiplas possibilidades da invisibilidade é realizar escapes aos circuitos e sistemas de vigilâncias e com essa possibilidade, escapar das rotas de fugas já dadas de antemão.

Pesquisa em arte pode ser tornar-se um estranho no ninho.

Em 1989, o artista judeu Ronald Brooks Kitaj publica seu First Diasporist Manifesto, onde expõem sua posição de que o ser humano hoje vive no mundo em uma diáspora. Uma dispersão pelo mundo segundo a qual se viveria sempre no estrangeiro, e cada indivíduo viveria procurando constantemente uma identidade para si. Uma identidade que não se possui nem se adquire. A diáspora seria aquele sentimento de que “não nos sentimos em casa”. Precisamos encontrar nossos pares. Para o historiador de arte alemão Hans Belting a diáspora é a contrapartida do chamado universalismo e que usurparia a consciência de identidade que durante muito tempo esteve associada à história da arte ocidental. A pesquisa pode ser uma identificação de diásporas coletivas ou individuais.

Pesquisa em arte pode ser escrever.

Escrever também é não falar. É calar-se. É uivar sem ruído.

Marguerite Dumas, Écrire, 1993.

Pesquisadorxs são forçados ao ato de escrever, mas só escrevem sobre coisa que gostam, dessas infindáveis coisas que gostam. Quando falamos de uma escrita forçada é no entendimento de uma ação que não sai naturalmente, não existe o dom da escrita, não é um prazer escrever. Escrever é um esforço, um trabalho exaustivo que esgota sem trazer nenhuma distração ou sensação de ter realizado algo notável, ou de ter finalizado algo. A escrita como peça de um processo de elaboração de questões subjetivas. Afinal, não queremos todos ser escritores, ao menos de nossa própria vida?

Pesquisa em arte pode ser destruir zumbis.

O sucesso constante das séries e filmes de zumbis acontece por identificação e espelhamento pelo espectador. As pessoas se identificam com o entorpecimento, a apatia e o comportamento em massa dos zumbis. Acontece um espelhamento entre a conduta dos zumbis e o cotidiano real dos espectadores, mas estes querem imaginar outro momento, não entorpecido, em que poderiam viver uma vida que sempre sonharam. Sonham em deixarem de contemplar, passivos, as divertidas imagens que os entretêm. Nós somos os próprios zumbis, entorpecidos pelas imagens e pelos aparelhos que nos divertem e entretêm, e mesmo assim alcançamos o tédio.

Pesquisa em arte pode ser uma destruição do estado zumbi para eliminar o entorpecimento. Tornar imaginável uma situação na qual a arte pode servir de mediação para a troca de informação e trampolim para relações entre humanos. Destruir zumbis numa sociedade do espetáculo é uma das possíveis opções quando o entretenimento fica tedioso.

Recebido em 30 de junho de 2023 e aceito em 1º de setembro de 2023

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

